

blake pierce



vizinho
silencioso

um suspense psicológico de chloe fine – livro 4

Blake Pierce

Vizinho Silencioso

«Lukeman Literary Management Ltd»

Pierce B.

Vizinho Silencioso / B. Pierce — «Lukeman Literary Management Ltd»,

“Uma obra-prima de suspense e mistério. Pierce fez um trabalho magnífico criando personagens com lados psicológicos tão bem descritos que nos fazem sentir dentro de suas mentes, acompanhando seus medos e celebrando seu sucesso. Cheio de reviravoltas, este livro vai lhe manter acordado até que você chegue à última página.”--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos (sobre SEM PISTAS)

VIZINHO SILENCIOSO (Um mistério psicológico de Chloe Fine) é o quarto livro de uma nova série de suspenses psicológicos do autor best-sellers Blake Pierce, cujo sucesso número 1 SEM PISTAS (baixe grátis) recebeu mais de 1.000 avaliações de cinco estrelas. Quando uma nova moradora ostenta sua riqueza em um bairro do subúrbio, não demora muito para que ela seja assassinada. Seu estilo exibicionista pode ter incomodado seus vizinhos invejosos? Ou existe um segredo mais profundo sobre a fortuna de seu marido? A Agente Especial do FBI Chloe Fine, aos 27 anos, encontra-se imersa no universo cheio de mentiras, fofocas e traições de uma cidade pequena, ao tentar separar as verdades das mentiras. Mas qual será a verdade? E ela conseguirá resolver esse caso enquanto lida com a saída de seu problemático pai da cadeia e com os problemas de sua irmã? Um suspense psicológico repleto de emoção com personagens robustos, em um ambiente de cidade pequena e que acelera o coração, VIZINHO SILENCIOSO é o quarto livro de uma nova série fascinante, que vai fazer você ler páginas e páginas noite adentro. O Livro 5 da série Chloe Fine estará disponível em breve.

© Pierce B.
© Lukeman Literary Management Ltd

Содержание

PRÓLOGO	9
CAPÍTULO UM	11
CAPÍTULO DOIS	15
CAPÍTULO TRÊS	19
CAPÍTULO QUATRO	22
CAPÍTULO CINCO	25
CAPÍTULO SEIS	27
CAPÍTULO SETE	31
CAPÍTULO OITO	33
Конец ознакомительного фрагмента.	34

v i z i n h o s i l e n c i o s o

(um mistério psicológico de Chloe Fine – livro 4)

b l a k e p i e r c e

Blake Pierce

Blake Pierce é autor do best-seller RILEY PAGE, série de mistérios, que conta com quinze livros (e continua crescendo). Blake Pierce também é autor da série de mistérios MACKENZIE WHITE, de treze livros (que também continua crescendo); da série de mistérios AVERY BLACK, de seis livros, da série de mistérios KERI LOCKE, de cinco livros, da série de mistérios O INÍCIO DE RILEY PAIGE, de quatro livros (que continua crescendo); da série de mistérios KATE WISE, de cinco livros (que também segue crescendo); da série de suspense psicológico CHLOE FINE, de cinco livros (que segue crescendo); e da série de suspenses psicológicos JESSIE HUNT, de cinco livros, que continua crescendo.

SEM PISTAS, primeiro livro da série Riley Page, ANTES QUE ELE MATE, primeiro livro da série Mackenzie White, RAZÃO PARA MATAR, primeiro livro da série Avery Black, RASTRO DE MORTE, primeiro livro da série KERI LOCKE, e ALVOS A ABATER, primeiro livro da série O Início de Riley Paige, estão todos disponíveis para download gratuito na Google Play!

Um leitor ávido e fã de longa data dos gêneros de mistério e suspense, Blake ama ouvir opiniões. Então, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.blakepierceauthor.com para saber mais e manter-se em contato.

Copyright © 2017 por Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido na Lei de Direitos Autorais dos Estados Unidos (US. Copyright Act of 1976), nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de nenhuma forma e por motivo algum, ou colocada em um sistema de dados ou sistema de recuperação sem permissão prévia do autor. Este e-book está licenciado apenas para seu aproveitamento pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou dado a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este e-book com outra pessoa, por favor compre uma cópia adicional para cada beneficiário. Se você está lendo este e-book e não o comprou, ou ele não foi comprado apenas para uso pessoal, então por favor devolva-o e compre seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho árduo do autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e acontecimentos são obras da imaginação do autor ou serão usadas apenas na ficção. Qualquer semelhança com pessoas de verdade, em vida ou falecidas, é totalmente coincidência. Imagem de capa: Copyright Mayer George, usada sob licença de Shutterstock.com.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE JESSIE HUNT

A ESPOSA PERFEITA (Livro #1)

O PRÉDIO PERFEITO (Livro #2)

A CASA PERFEITA (Livro #3)

SÉRIE UM MISTÉRIO PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)

A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)

BECO SEM SAÍDA (Livro #3)

VIZINHO SILENCIOSO (Livro #4)
VOLTANDO PRA CASA (Livro #5)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE
SE ELA SOUBESSE (Livro #1)
SE ELA VISSSE (Livro #2)
SE ELA CORRESSE (Livro #3)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE
ALVOS A ABATER (Livro #1)
À ESPERA (Livro #2)
A CORDA DO DIABO (Livro #3)
AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE
SEM PISTAS (Livro #1)
ACORRENTADAS (Livro #2)
ARREBATADAS (Livro #3)
ATRAÍDAS (Livro #4)
PERSEGUIDA (Livro #5)
A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)
COBIÇADAS (Livro #7)
ESQUECIDAS (Livro #8)
ABATIDOS (Livro #9)
PERDIDAS (Livro #10)
ENTERRADOS (Livro #11)
DESPEDAÇADAS (Livro #12)
SEM SAÍDA (Livro #13)
ADORMECIDO (Livro #14)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE
ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)
ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)
ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)
ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)
ANTES QUE ELE PRECISE (Livro #5)
ANTES QUE ELE SINTA (Livro #6)
ANTES QUE ELE PEQUE (Livro #7)
ANTES QUE ELE CACE (Livro #8)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK
RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)
RAZÃO PARA SALVAR (Livro #5)
RAZÃO PARA SE APAVORAR (Livro #6)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro #1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)
UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro #3)
UM RASTRO DE CRIMINALIDADE (Livro #4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro #5)
ÍNDICE

[PRÓLOGO](#)
[CAPÍTULO UM](#)
[CAPÍTULO DOIS](#)
[CAPÍTULO TRÊS](#)
[CAPÍTULO QUATRO](#)
[CAPÍTULO CINCO](#)
[CAPÍTULO SEIS](#)
[CAPÍTULO SETE](#)
[CAPÍTULO OITO](#)
[CAPÍTULO NOVE](#)
[CAPÍTULO DEZ](#)
[CAPÍTULO ONZE](#)
[CAPÍTULO DOZE](#)
[CAPÍTULO TREZE](#)
[CAPÍTULO QUATORZE](#)
[CAPÍTULO QUINZE](#)
[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)
[CAPÍTULO DEZESSETE](#)
[CAPÍTULO DEZOITO](#)
[CAPÍTULO DEZENOVE](#)
[CAPÍTULO VINTE](#)
[CAPÍTULO VINTE E UM](#)
[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)
[CAPÍTULO TRINTA](#)
[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)
[EPÍLOGO](#)

PRÓLOGO

Rosa destrancou a porta da casa de dois andares, pensando em como era estranho pessoas contratarem outras pessoas para limpar suas casas, dando a elas acesso irrestrito a todos os quartos e possíveis segredos de suas vidas. Rosa já vinha limpando casas em Falls Church, Virginia, há seis anos, e já tinha visto algumas coisas inesperadas. Aquilo a demonstrara como as pessoas pouco faziam para esconder suas indiscrições e segredos.

Mas ela não achava que encontraria, acidentalmente, itens escandalosos ou segredos obscuros na casa daquele casal. Eles eram seus mais novos clientes, os sétimos da lista, e estavam a ajudando a alcançar sua meta de ganhar quatro mil dólares por mês apenas limpando casas. Nada mal para uma mulher que outrora mal conseguia pagar seu aluguel de trezentos e cinquenta dólares limpando mesas em restaurantes.

Não, esse casal, os Fairchild, parecia tranquilo e sem dramas. Duas pessoas casadas, porém possivelmente envolvidas demais com seus trabalhos. O marido trabalhava no mercado financeiro e viajava ao menos uma vez por mês para reuniões em Nova York e Boston. A esposa, uma mulher elegante de cerca de cinquenta anos, não parecia fazer muita coisa. Ela era uma espécie de influencer nas mídias sociais—fosse lá o que isso significasse. Mas eles eram bacanas, ricos, e vinham sendo incrivelmente queridos e amigáveis com Rosa... algo que muitos de seus clientes não eram.

Ela entrou no grande hall e olhou em volta da sala espaçosa e da cozinha anexa, separadas apenas por um bar. A casa era, na opinião de Rosa, muito grande para um casal sem filhos—um casal em que o marido não estava em casa por uma semana ou mais todos os meses.

Olhando em volta, Rosa percebeu que aquela seria uma daquelas semanas onde ela sentia que não estava fazendo por merecer seu salário. Os Fairchild eram muito higiênicos e deixavam a casa sempre limpa. Rosa esfregava, passava pano e limpava janelas, mas a casa sempre parecia limpa.

Ela foi até a lavanderia e ao mudroom anexo, onde encheu a pia de água, derramando um pouco de Pinho Sol de lavanda. Pensou em limpar o chão da cozinha, que parecia ser o cômodo mais usado da casa. O plano seria: enquanto esperasse o piso secar, ela passaria o aspirador nos quartos do segundo andar, já que todos tinham carpete. Rosa odiava sentir que estava ganhando dinheiro fácil de um casal tão bacana, mas sabia que se passasse pelas principais áreas da casa, os Fairchild considerariam o trabalho bem feito. Além disso, não era culpa dela que a casa estivesse tão limpa.

Enquanto esperava para que a pia enchesse até a metade, Rosa caminhou até a cozinha e depois até a escada. O aspirador estava no closet, no andar de cima, onde a casa tinha carpete. Lembrou que talvez o aparelho precisasse de um novo filtro e queria confirmar isso agora, antes que começasse a passar pano e esquecesse.

Encontrou o aspirador no lugar de sempre e checkou o filtro, percebendo que ainda poderia utilizá-lo mais algumas vezes antes da troca. Ao tirar o aspirador, decidiu passá-lo no quarto principal. Era um quarto gigante, com lareira, estante para livros e um banheiro anexo que era maior do que a sala de seu apartamento.

A porta estava aberta, então ela entrou sem bater. Geralmente, Rosa não sabia se a senhora Fairchild estava em casa ou não, mas sabia que precisava bater sempre que houvesse uma porta fechada naquela casa. Ela empurrou o aspirador, mas parou após o terceiro passo dentro do quarto.

A senhora Fairchild estava na cama, dormindo. Pareceu estranho, já que Rosa sabia que aquela mulher acordava cedo e corria quase todos os dias. Ela quase saiu do quarto, sem querer acordá-la. Mas então, percebeu duas coisas peculiares ao mesmo tempo.

Primeiro, a senhora Fairchild estava vestindo sua roupa de corrida. Segundo, ela estava deitada sob a roupa de cama, com a cama recém arrumada.

Rosa percebeu algo de errado e, ao invés de sair do quarto, como pretendia, deu um passo à frente, como se estivesse sendo empurrada por uma mão invisível.

- Senhora Fairchild? – chamou.

Não houve resposta. A senhora Fairchild nem sequer se mexeu.

Ligue para a polícia, Rosa pensou. Ligue para a emergência. Isso não é nada bom... ela não está só dormindo, você sabe.

Mas ela precisava ter certeza. Deu mais dois passos à frente até que pudesse ver o rosto da senhora Fairchild.

Os olhos dela estavam abertos, olhando na direção da janela—sem piscar. Sua boca estava parcialmente aberta. Uma piscina de sangue, relativamente fresca, pintava o lençol sob sua cabeça. Uma marca grotesca podia facilmente ser vista em seu pescoço.

Rosa sentiu um grito subindo em sua garganta. Seus joelhos se amoleceram, mas ela conseguiu dar alguns passos para trás. Ao colidir com o aspirador, gritou de susto.

Foi preciso um esforço considerável para que Rosa conseguisse desviar seu olhar da senhora Fairchild, mas quando o fez, rapidamente correu para fora do quarto. Foi até ao bar da cozinha, onde havia deixado seu telefone, e ligou para a emergência. Ao ser atendida, Rosa estava tão horrorizada pelo que tinha visto que nem sequer percebeu a pia da lavanderia transbordando, enchendo o chão da casa de água.

CAPÍTULO UM

Chloe já tinha ouvido muitas histórias sobre a importância de manter uma divisão clara entre sua vida pessoal e sua carreira. Enquanto agente federal, as coisas geralmente se complicavam muito quando esses dois mundos colidiam. Mas, sinceramente, ela vinha vivendo em uma constante colisão entre os dois mundos desde sua formatura na academia—graças aos jogos mentais de perseguição de seu pai.

Ela sabia que tinha passado muito tempo pensando em seu pai e no que ele teria ou não teria feito para sua mãe quase dezoito anos antes. Graças a Danielle, que lhe mostrou o diário de sua mãe, Chloe vinha passando as últimas semanas totalmente confusa. Agora, ela tinha certeza de que seu pai havia matado sua mãe todos aqueles anos antes. Ela havia dado a ele todos os benefícios da dúvida até então—chegando a colocar a culpa pelo assassinato de sua mãe em um bode expiatório, Ruthanne Carwile.

Mas agora Chloe tinha visto, com as letras de sua própria mãe. Agora ela tinha evidências mais do que suficientes para sentir de verdade que seu pai era um assassino—ele havia matado sua mãe.

Aquilo a abalara muito. Mesmo fazendo o possível para que a história não atrapalhasse seu trabalho, Chloe não conseguia deixar de pensar em seu pai. Ela havia passado os dois primeiros finais de semana depois da descoberta ignorando ligações de todos—de Danielle, de sua parceira, Agente Rhodes, e até de seu pai.

O que eu tenho que fazer é tornar isso público, Chloe havia dito a si mesma mais de uma vez. Torne público, leve ao FBI, faça ele pagar. Encerre esse capítulo sórdido da sua vida e coloque esse idiota na cadeia.

Mas aquilo seria um risco. Poderia afetar sua própria carreira. E, mais do que isso, havia uma garotinha, dentro dela, a desafiando, uma versão sua mais jovem que insistia que talvez ela estivesse deixando algo passar... que era impossível que seu pai fosse mesmo um assassino.

Aquela era uma luta interna que a fizera ir trabalhar de ressaca algumas vezes. Fazia apenas vinte dias da descoberta do diário. E mesmo no trabalho, mantendo-se profissional e não deixando seus demônios pessoais interferirem em suas tarefas, imagens do livro apareciam em sua mente.

Ele me estrangulou hoje... e me deu um tapa na cara. Antes que eu pudesse fazer algo, ele me empurrou contra a parede e me estrangulou. Disse que se eu o desrespeitasse mais uma vez, ele me mataria. Disse que tinha algo melhor em vista, uma mulher melhor, uma vida melhor...

O diário estava em sua mesa de centro. Ela havia o deixado ali para que sempre lembrasse... para que ele sempre estivesse à sua vista. Manteve-o ali como uma lembrança de como fora tola—de como seu pai havia lhe enganado por tanto tempo.

Já fazia vinte dias, quase três semanas desde que ela e Danielle finalmente haviam chegado juntas à conclusão de que seu pai havia matado sua mãe, quando Chloe considerou simplesmente ir até o apartamento dele e matá-lo. Era sábado. Ela tinha começado a beber às onze da manhã, olhando pela janela do apartamento para o trânsito de Washington.

Ela sabia o suficiente sobre o sistema para fazer com que a cena parecesse um suicídio. Ou, no mínimo, sabia muito bem como esconder seus passos. Poderia matá-lo sem deixar nenhum vestígio.

Chloe tinha pensado naquilo com cuidado. Tinha criado um plano em sua mente, um plano muito consistente.

Mas isso é loucura, não é? Perguntou a si mesma.

Depois, pensou em como ele havia a enganado. Lembrou-se do quão leal havia sido a ele, mesmo quando Danielle tentara avisá-la de que seu pai não era o homem que ela pensava. E com tudo aquilo em mente... a ideia de matá-lo não parecia tão maluca assim.

Ela estava sonhando acordada em puxar o gatilho contra seu pai e começando a tomar sua terceira cerveja do dia quando alguém bateu na porta. Encolheu-se. Seu pai havia ido até sua casa

quatro vezes nos últimos vinte dias, mas Chloe ficara em silêncio em todas elas. Mas aquela batida era diferente—no ritmo da música “Closer”, da banda Nine Inch Nails, uma das favoritas de Danielle. Era a senha que elas tinham combinado para que Chloe soubesse que era sua irmã quem estava do outro lado da porta.

Com um sorriso tímido, Chloe abriu a porta. Danielle estava esperando do outro lado, batucando na madeira. Ela abaixou as mãos e sorriu para sua irmã. Foi estranho. Danielle geralmente era do tipo mais durona. Chloe era sempre quem tentava arrancar um sorriso da irmã, e fora assim na maior parte de suas vidas, especialmente desde que Danielle descobrira o quanto homens podiam ser babacas.

- Não anda dormindo bem? – Danielle perguntou ao entrar no apartamento e fechar a porta.

- Não muito – Chloe disse. – Quer uma cerveja?

- Que horas são?

- Meio dia? Ou quase isso...

- Só uma – Danielle disse, olhando para sua irmã como se suspeitasse de algo.

Chloe sabia muito bem que os papéis estavam completamente invertidos. Ao abrir uma garrafa e entregá-la a Danielle, ela viu preocupação nos olhos da irmã. O que era bom... mostrava que Danielle tinha amadurecido. Mostrava que, depois do que elas haviam descoberto juntas, ela poderia caminhar com seus próprios pés, sem precisar do apoio da irmã, como geralmente acontecia.

- Eu sei o que você está pensando – Chloe disse.

- Não, não sabe. Odeio dizer que eu meio que gosto da Chloe que bebe antes do almoço. Eu gosto dessa Chloe “foda-se o mundo”. Mas eu seria uma irmã ruim se não dissesse que estou preocupada com você. Sua personalidade não é nem um pouco feita para ser assim.

- É por isso que você está aqui? – Chloe perguntou. – Para dizer que está preocupada comigo?

- Também. Mas tem outra coisa. E eu preciso que você preste atenção em mim um segundo, tudo bem?

- Claro – Chloe disse, enquanto as duas sentaram-se no sofá com as cervejas. Ela viu o diário de sua mãe na mesa de centro e seus pensamentos rapidamente voltaram a pensar em matar seu pai. E foi ali, com Danielle sentada a sua frente, que Chloe percebeu que jamais poderia fazer aquilo. Ela poderia fantasiar e planejar o quanto quisesse, mas jamais o faria. Ela simplesmente não era aquele tipo de pessoa.

- Então, eu lembro de ter assistido esse programa um tempo atrás... um desses do tipo Mistérios Sem Solução – Danielle disse.

- Espero que isso chegue em algum lugar.

- Vai sim. Enfim... era sobre uma mulher que salvou a vida do irmão. Olha... eles eram gêmeos idênticos. Nascidos com uma diferença de cinco minutos, algo assim. Ela estava fazendo a janta para a família uma noite e sentiu uma pontada no coração... como se alguém estivesse falando com ela. Teve um sentimento de que seu irmão estava em apuros. Foi tão forte que ela parou o que estava fazendo e ligou para ele. Ele não atendeu, e ela ligou para a namorada dele. A namorada foi até a casa do irmão da mulher e descobriu que alguém tinha invadido a casa e atirado nele. Ele estava sangrando quando a namorada o encontrou, mas ela ligou para a emergência e eles salvaram a vida dele. Tudo por causa daquela sensação estranha que a irmã gêmea dele teve.

- Entendi...

Danielle virou os olhos. Chloe pode ver que ela estava pensando muito nas próximas palavras que iria dizer.

- Eu senti algo assim há cerca de quarenta minutos – ela disse. – Nem perto de como eles falaram na TV, mas eu senti. Foi forte o suficiente. E foi... cara, foi estranho.

- Ninguém invadiu minha casa – Chloe disse. – Ninguém atirou em mim.

- Estou vendo. Mas... não sei. Tive essa sensação estranha de gêmeos. Senti que precisava vir aqui. Desculpe se parecer algo tolo. Mas... bom, tem algo que eu possa ter evitado vindo até aqui?

Chloe balançou a cabeça negativamente. Mas pensou: você me fez parar de pensar em matar nosso pai. Deu uma risada leve e um gole na cerveja.

- Você não está bem – Danielle disse. Ela apontou com a cabeça para a garrafa. – Quantas dessas vazias eu vou encontrar na sua lixeira?

- Duas. E me desculpe... mas quem é você para falar que alguém está bebendo muito? Preciso tomar muito para chegar em você.

- Eu não me importo que você beba. Mas eu sei que você não é assim. Nunca foi. Você é do tipo que gosta de lógica... é esperta. Justamente por você estar usando minhas estratégias antigas de fugir dos problemas que eu estou aqui. É por isso que eu estou preocupada.

- Estou bem, Danielle.

Danielle cruzou os braços e reclinou-se no sofá. Se ainda havia algum bom humor naquela conversa, Chloe sentiu que ele desapareceu com aquele gesto. Danielle a olhou com muita seriedade.

- Então você está me dizendo que depois de um ano inteiro de discussões entre nós duas sobre o nosso pai, com você sempre ficando do lado dele e dizendo que ele era uma boa pessoa... é isso? Eu acho que mereço pelo menos um pouco de sinceridade, Chloe. Eu não sou idiota. Essa história toda do pai mexeu muito com você.

- Claro que sim.

- Então me diga no que você está pensando. Me diga o que nós vamos fazer agora. Sendo totalmente sincera, eu não sei porque você ainda não entregou ele. O diário não é o suficiente para incriminá-lo?

- Você acha que eu já não pensei nisso? – Chloe perguntou, começando a ficar nervosa. – E não... o diário não é suficiente. Pode ser suficiente para reabrir o caso, mas só. Não tem evidências claras nele... e o fato de já ter havido um julgamento e do nosso pai já ter sido preso deixa tudo mais difícil ainda. Adicione o fato de Ruthanne Carwile ter confessado recentemente, e tudo se torna uma merda gigante.

- Então você está dizendo que ele provavelmente vai acabar se livrando?

Chloe não respondeu. Ela tomou o resto de sua cerveja e caminhou até a cozinha. Abriu a geladeira e ameaçou pegar outra, mas parou. Devagar, fechou o refrigerador e encostou-se no balcão.

- Eu sei que isso é basicamente culpa minha – Chloe disse. Foi difícil admitir. As palavras saíram de sua boca como se fossem ácido.

- Eu não estou aqui para te culpar, Chloe.

- Eu sei. Mas é isso o que você está pensando. E eu não te culpo. Agora que eu vi o que tem no diário e meio que... não sei... eu também penso assim. Se eu tivesse te escutado lá no começo, tudo seria sido diferente. Antes de Ruthanne, antes de conseguir meu trabalho no FBI...

- Não faça isso. Só vamos... olhar para frente. Vamos pensar no que podemos fazer.

- Não podemos fazer nada!

Chloe surpreendeu a si mesma ao gritar com sua irmã. Mas ela já não podia voltar atrás com aquelas palavras.

- Chloe, eu—

- Eu estraguei tudo. Falhei com você, com a mãe, comigo mesma. Essa sou eu agora. Preciso viver com isso e—

- Mas nós podemos achar um jeito juntas, ok? Olhe... eu posso lidar com essa inversão de papéis e tal, mas não suporto ver você se culpando assim.

- Não agora. Não consigo lidar com isso agora. Preciso colocar algumas coisas no lugar.

- Deixe-me te ajudar, então.

Chloe sentiu-se sufocada. Sentiu outro grito subindo pela garganta, mas apertou os punhos e conseguiu se segurar.

- Danielle – ela disse o mais devagar e pacientemente possível. – Eu admiro sua atitude e te amo por você estar tão preocupada. Mas eu preciso lidar com isso tudo sozinha por enquanto. Quanto mais você me pressionar, pior vai ser. Então, por favor... por enquanto... você pode ir embora?

Chloe viu a expressão de Danielle mudar. Ela parecia decepcionada. Ou talvez triste. Chloe não sabia exatamente e, na verdade, naquele momento, ela nem queria saber.

Danielle colocou sua cerveja na mesa de centro—sem ter tomado nem sequer um quarto—e se levantou.

- Quero que você me ligue quando cansar de ficar distante.

- Eu não estou ficando distante.

- Eu não sei o que você está fazendo – Danielle disse ao abrir a porta para ir embora. – Mas é melhor eu dizer que você está distante do que dizer que você está sendo uma idiota.

Antes que Chloe pudesse responder, Danielle saiu, fechando a porta.

Chloe desejou que Danielle tivesse batido a porta com força. Pelo menos, algum sentimento teria sido colocado para fora, como um sinal de que sua irmã estava apenas com raiva, assim como ela. Mas a porta fechou-se devagar, quase sem barulho.

Chloe ficou ali, em meio ao silêncio que a acompanhou pelo restante da tarde, e tudo o que podia fazer naquele momento era colocar mais garrafas vazias de cerveja na lixeira.

CAPÍTULO DOIS

No domingo, Chloe encontrou-se parada no estacionamento de visitantes da Prisão Central de Washington. Ela olhou para o prédio por um momento antes de sair do carro, tentando descobrir exatamente porque estava ali.

Ela sabia a resposta, mas era algo difícil de aceitar. Chloe estava ali porque sentia falta de Moulton. Era uma verdade que ela jamais diria em voz alta, algo que tinha dificuldades em aceitar. Mas a verdade nua e crua era que ela precisava de alguém para confortá-la, e desde que havia se mudado para Washington, Moulton era essa pessoa. Estranhamente, Chloe não tinha percebido aquilo até que o momento em que ele havia sido preso por envolvimento em um esquema de fraude financeira.

Primeiro, Chloe pensara que sentia falta dele apenas por questões físicas—pela necessidade de ser abraçada por um homem quando se sentia perdida. Mas quando Danielle saíra de sua casa no dia anterior, Chloe sentira-se desesperada para conversar com alguém sobre sua situação, e imediatamente pensara em Moulton.

Finalmente motivada e decidida, Chloe saiu do carro e caminhou até a entrada do prédio. Utilizou sua identidade de agente federal para entrar, preencheu os papéis necessários e então sentou-se na área de espera enquanto um guarda seguiu para chamar o Agente Moulton. A área de espera estava praticamente vazia. Aparentemente, domingo não era o dia mais popular para visitar entes queridos na prisão.

Menos de cinco minutos depois, Moulton apareceu em uma porta nos fundos da sala. A sala em si estava arrumada em forma de lounge. Chloe estava sentada em um sofá, do qual Moulton aproximou-se devagar. Ele olhou para ela com um sorriso cético.

- Tudo bem se eu me sentar aqui? – ele perguntou, inseguro.

- Sim – ela disse, indo para o lado para dar espaço a ele no sofá.

- Bom te ver – Moulton disse imediatamente. – Mas preciso admitir que eu não esperava.

- Como estão te tratando aqui?

Ele virou os olhos e suspirou.

- A maioria dos caras são como eu. Crimes do colarinho branco. Não estou preocupado em apanhar ou algo do tipo, se é isso que você está dizendo. Mas eu não quero falar sobre isso. Como vai o trabalho? Você está em algum caso interessante?

- Não. Me colocaram de novo como parceira da Rhodes. Eu e ela estamos trabalhando num projeto de criação de perfis. É meio chato, mas nos mantém ocupadas.

- Vocês estão se dando bem?

- Melhor do que antes, com certeza.

Moulton aproximou-se e mais uma vez a olhou com ceticismo.

- O que te trouxe aqui, Fine?

- Eu queria te ver.

Moulton sorriu.

- Isso fez eu me sentir muito melhor do que deveria. Mas não acredito. Não completamente. O que está acontecendo?

Chloe desviou o olhar dele, começando a sentir-se envergonhada. Antes de voltar a olhá-lo, = finalmente conseguiu dizer algo:

- Meu pai.

- Seu pai? Aquele que voltou a aparecer na sua vida há alguns meses? Aquele que passou a maior parte dos últimos vinte anos na prisão?

- Esse mesmo.

- Achei que você estivesse feliz com isso.

- Estava. Mas então algo aconteceu. E depois mais algo. Muita coisa aconteceu nessa história de um tempo para cá. E a última coisa que eu descobri... não sei. Eu acho que só preciso da opinião de alguém que não seja ligado a ele.

- Talvez alguém que tenha trabalho com você antes de ser preso?

- Talvez – Chloe disse, sorrindo de uma maneira que pareceu um flerte.

- Bom, ouvir essa história seria a coisa mais interessante que eu faria nas últimas duas semanas.

Me conte.

Chloe levou alguns segundos para tomar coragem para falar sobre um problema tão pessoal, mas sabia que precisava daquilo. Ao começar a contar a Moulton sobre os avisos constantes de Danielle sobre seu pai e as revelações que havia descoberto no diário, ela entendeu porque havia recusado discutir a situação com sua irmã: era algo que a deixava vulnerável. E Danielle nunca havia lhe visto naquele estado.

Mesmo ao contar toda história para Moulton, Chloe omitiu alguns detalhes mais privados—principalmente no que se tratava de memórias sobre a morte de sua mãe. Mas contar tudo para ele foi extremamente útil. Ela sabia que, no fundo, precisava desabafar. Parecia que um peso havia sido tirado de seus ombros.

Ajudou também o fato de Moulton não ter questionado ou feito caras e bocas que indicassem o que ele estava pensando. Ele sabia do que ela precisava: de alguém para escutar—e talvez dar algum conselho.

- Imagino que você esteja pensando em levar isso ao Johnson – Moulton disse quando ela terminou.

- Sim. Já pensei muito nisso. Mas você sabe tanto quanto eu que nada seria feito só por causa de algumas páginas de um diário de duas décadas atrás. No máximo, ele ficaria alerta. Quando a polícia ou o FBI o interrogassem, ele saberia que algo está acontecendo.

- Você acha que ele fugiria? – Moulton perguntou.

- Não sei. Lembre-se que eu não o conheço tão bem. Ele passou a maior parte da minha vida na cadeia.

- E você e sua irmã? Você se sente segura? Será que ele não viria atrás de vocês?

- Duvido muito. Ele ainda me vê como uma confidente. Ainda que eu tenha certeza que ele já percebeu algo estranho, porque eu não atendo o telefone nem respondo as mensagens. E eu não abro a porta quando ele bate lá em casa.

Moulton assentiu, entendendo. Ele olhou para Chloe de uma maneira um pouco desconfortável. Era o mesmo olhar que ela tinha visto um mês antes, quando eles tinham quase dormido juntos. E na verdade, ela queria muito beijá-lo naquele momento.

- Você sabe o que precisa fazer – ele disse. – Eu não sei se você veio aqui esperando que eu te apoiasse nisso ou outra coisa.

- Eu sei.

- Então diga. Fale em voz alta, torne real.

- Eu preciso descobrir sozinho. Não em uma investigação oficial, mas... ter controle sobre ele, eu acho.

- Você acha que para isso vai ter que voltar a ter contato com ele? – Moulton perguntou. – Talvez fingir que tudo está normal, como antes de você ler o diário?

- Não sei.

Houve um curto silêncio entre eles, que Moulton fez questão de encerrar com um suspiro.

- Tem muitas coisas das quais eu vou sentir falta por conta do que eu fiz – ele disse. – Tanta coisa que eu não consigo nem pensar, na verdade. Mas uma das coisas que eu realmente me arrependo é porque eu acho que eu e você daríamos muito certo.

- Estou tentando não pensar nisso.

Ele assentiu, olhou nos olhos de Chloe, e inclinou para frente devagar. Chloe sentiu-se sendo puxada na direção dele por um imã, sentindo inclusive seus lábios começando a se abrir, esperando o beijo dele. Mas virou a cabeça no último segundo.

- Desculpe, não posso. Toda essa loucura com meu pai... a última coisa que eu preciso é de um relacionamento conturbando com um preso.

Moulton riu e então colocou a cabeça nos ombros dela, brincando.

- Você está certa – ele disse, levantando a cabeça e olhando para Chloe. – Mas ei... eu tenho direito de ir atrás de você quando sair daqui.

- Quanto tempo vai levar? – Chloe perguntou.

- Oficialmente, alguns anos. Mas com bom comportamento e algumas brechas do FBI... não se sabe. Pode ser que sejam só oito meses.

- Tudo bem... vou te dar esse direito – ela disse.

- Algo para esperar ansioso... isso é bom. Porque esse lugar é uma merda. Mas a comida, pelo menos, é melhor do que eu esperava.

Chloe lembrou-se do porquê gostava da companhia dele. Moulton havia conseguido sair da conversa estranha sobre seu pai para algo muito mais agradável. E tudo tinha parecido muito natural.

Eles ficaram sentados no sofá por mais quinze minutos, enquanto Moulton descreveu como sua vida vinha sendo nas últimas semanas. Ele contou tudo em detalhes e não teve vergonha em admitir completamente sua culpa e arrependimento. Para Chloe, foi bom ouvir tudo aquilo—não só porque acreditava que ele era uma boa pessoa, no fundo, mas também porque mostrava que as pessoas eram capazes de serem sinceras.

E com todo o pesadelo que ela estava passando com Danielle e seu pai, sentir qualquer ponta de sinceridade era um muito reconfortante.

Chloe foi embora quarenta minutos depois de ter saído de seu carro no estacionamento. Moulton não havia tentado beijá-la novamente, ainda que ela secretamente tivesse desejado aquilo. Saiu sentindo-se estranhamente satisfeita, sentindo que finalmente poderia seguir em frente depois de três semanas de estagnação.

Enquanto caminhava para voltar ao estacionamento, seu telefone tocou. Pegou-o imediatamente. Provavelmente seria Danielle ou seu pai. Se fosse seu pai, ela pensou que poderia atender e inventar alguma desculpa por estar ignorando as chamadas dele. Imaginou que ele aceitaria qualquer desculpa, já que havia reaparecido na vida dela de repente depois de quase vinte anos.

Mas o número que Chloe viu na tela não era de seu pai, nem de Danielle. Era um número do FBI. Ela arrepiou-se um pouco ao atender. Uma ligação no domingo provavelmente significaria uma segunda-feira estressante.

- Agente Fine falando –atendeu.

- Fine, é o Johnson. Onde você está agora?

Chloe precisou segurar uma risada antes de responder.

- Na cidade – respondeu da forma mais vaga possível.

- Preciso que você visite a cena de um crime em Falls Church. Parece ser algo exatamente em sua especialidade. Um bairro rico, uma socialite assassinada.

- Hoje?

- Sim, hoje. O corpo foi encontrado na sexta pela manhã. A polícia já fez o que pode e não achou nada.

- Só um corpo?

- Sim. Mas precisamos de uma agente nessa para ter certeza de que esse crime não está conectado a um caso parecido, naquela região, no ano passado.

- Senhor... você acha que Rhodes pode lidar com isso sozinha? Eu estou lidando com alguns problemas pessoais.

Houve um breve silêncio do outro lado da linha.

- Alguém morreu? Algum parente está morto?

- Não, senhor.

Chloe sabia que Johnson sabia dos detalhes da história de seu pai. Perguntou-se se ele estaria pensando naquilo no outro lado da linha.

- Desculpe, Fine. Você passou três semanas em uma sala, juntando perfis. Eu quero você em campo. Eu quero você e Rhodes em Falls Church em três horas. Vocês duas vão dar conta disso.

Chloe abriu a boca para reclamar, mas parou. Ela não queria entrar a fundo em uma investigação de assassino com tudo o que estava acontecendo em sua vida. Mas ao mesmo tempo, sabia que envolver-se em um caso poderia ser exatamente o que precisava. Ela não apenas se distrairia de seu drama com seu pai, mas poderia recolocar sua mente em ação para descobrir o que fazer para entregá-lo.

- Tudo bem, senhor – ela disse. – Vou ligar para Rhodes já.

E assim, Chloe recebeu seu primeiro caso de verdade em três semanas. O momento não era o melhor, mas ela não podia reclamar. Afinal de contas, ela havia entrado no FBI para ajudar pessoas em necessidade—para fazer justiça em um sistema criminal no qual jamais confiara totalmente.

Pelos últimos acontecimentos envolvendo seu pai—inclusive suas ideias homicidas sobre ele—o timing daquele pensamento, ao entrar no carro e ligar para Rhodes, era quase perfeito.

CAPÍTULO TRÊS

Se Rhodes suspeitava que Chloe estava lidando com problemas pessoais, ela não fez questão de demonstrar isso no caminho até Falls Church. Na verdade, ela não havia dito nada sobre a mudança no comportamento de Chloe durante as três semanas em que elas tinham trabalhado juntas no projeto dos perfis—tentando criar o perfil de um homem que, supostamente, estava liderando uma série de assaltos armados a bancos de Nova York. Rhodes havia mantido qualquer pensamento para si mesma. Mesmo depois da parceria entre as duas ter mudado de patamar – após Chloe salvar a vida de Rhodes – ela não havia demonstrado sinais de que queria conhecer Chloe a nível pessoal.

E Chloe estava totalmente bem com aquilo.

Na verdade, a maior parte do caminho de Washington a Falls Church, em Virginia, aconteceu em silêncio. Johnson não havia dado muitas informações. Elas não sabiam quase nenhum detalhe do crime. Tudo o que ele havia dito era que um oficial local estaria no lugar para recebê-las quando elas chegassem.

O mais perto de uma conversa que as duas tiveram aconteceu quando elas saíram da rodovia para entrar em Falls Church.

- Você sabe bastante sobre essa cidade? – Rhodes perguntou.

- Um pouco. A maioria da população é de classe alta, eu acho. Mas esse bairro para onde estamos indo, pelo que eu me lembro do estudo de caso que fiz na academia, é uma das áreas mais ricas, principalmente por conta do que eles chamam de dinheiro velho.

- Ah, você diz que as pessoas são ricas lá porque mamãe e papai eram ricos e não tinham o que fazer com o dinheiro antes de morrer.

- Basicamente, sim.

Rhodes riu e olhou pela janela.

- Para mim, parece que eu e você nos tornamos as ‘agentes oficiais’ de casos assim. Mas enfim... o que você acha disso?

Chloe não havia pensado naquilo antes. Ela simplesmente encolheu os ombros e respondeu com sinceridade.

- Acho que todo mundo precisa ser especializado em algum nicho.

Rhodes não disse mais nada depois disso. Chloe estava fazendo o possível para demonstrar que não estava afim de conversa fiada naquele momento—tentando ser sempre direta, sem ser rude. Aparentemente, sua estratégia funcionou. Elas chegaram à cena do crime—uma bonita casa de dois andares em um bairro chique—sem dizer mais nenhuma palavra. A maioria dos terrenos tinham árvores ou varandas enormes. O bairro em si ficava um pouco distante dos outros, mais populosos, e cada casa tinha seu próprio espaço bem delimitado e longe das outras.

A simples presença de uma viatura na estrada já parecia algo estranho ali. Era como se aquela casa, agora, fosse um defeito naquele bairro perfeito.

Chloe e Rhodes estacionaram o carro e foram até a entrada da casa. A porta estava fechada, então Chloe bateu, sem querer simplesmente invadir, já que havia um policial esperando por elas. A porta foi atendida imediatamente. O agente que abriu a porta parecia ter trinta e poucos anos. Ele tinha a barba feita, era bonito e aparentemente surpreendeu-se ao encontrar duas mulheres no outro lado da porta.

- Somos as agentes Fine e Rhodes – Chloe disse. – Fomos enviadas para investigar o assassinato de Jessie Fairchild.

O oficial estendeu a mão e apresentou-se.

- Oficial Ed Nolan. Estou liderando o caso. Entrem.

Ele as levou para dentro, onde Chloe percebeu que a casa era maior por dentro do que parecia por fora. O hall tinha quase o tamanho da sala do apartamento de Chloe, e o teto estava a pelo menos

três metros e meio de sua cabeça. O local parecia estar sem vida há um bom tempo, o que fez com Chloe sentisse um arrepio.

- Então, o que aconteceu aqui? – Chloe perguntou. – Tudo o que nos disseram é que precisamos lidar com a hipótese de uma conexão com um caso do ano passado.

- Qual caso? – Nolan perguntou.

- Três mortes por estrangulamento a cerca de sete quilômetros daqui – Rhodes disse. – Todas mulheres, todas entre quarenta e sessenta anos.

- Hum, acho que vamos poder eliminar essa conexão bem rápido.

- Por que? – Chloe perguntou.

- Bom, o corpo obviamente já foi removido, mas eu posso mostrar as fotos para vocês. A senhora Fairchild não foi morta por estrangulamento, ainda que ela também tenha sido estrangulada. O que a matou foi um corte na garganta... mas de um jeito estranho que eu nunca vi antes.

Ele as levou até a cozinha e pegou uma pasta de arquivos no balcão. Utilizou-a para apontar para as escadas e disse:

- A diarista encontrou o corpo no quarto principal, no andar de cima. Ela foi até lá enquanto a pia da lavanderia ficou enchendo. Obviamente ela ficou assustada ao encontrar o corpo, tanto que a pia acabou transbordando.

- Vamos olhar o quarto, então – Chloe disse.

Nolan assentiu e as levou. Enquanto caminhavam pela casa, Chloe percebeu que ou a diarista era excelente em seu trabalho, ou os Fairchild sabiam como manter uma casa limpa.

O corredor do andar de cima era tão impressionante quanto o de baixo. Uma estante de livros ficava no fim do hall, embutida na parede. Havia quatro cômodos no andar, sendo dois quartos, um banheiro secundário e um escritório.

Nolan as levou até o quarto principal. O corpo obviamente já fora removido, mas Chloe viu que os lençóis seguiam os mesmos desde o assassinato.

- O quarto está exatamente como estava quando o corpo foi encontrado? – Chloe perguntou.

- Só mexemos no corpo – Nolan confirmou.

- Você pode nos contar os detalhes?

Ele falou enquanto Chloe olhava pelo quarto com Rhodes. Ela escutou cada detalhe, tentando criar uma cena em sua cabeça, imaginando situações que teriam acontecido no quarto onde ela estava naquele momento.

- Rosa Ramirez, a diarista, encontrou o corpo cerca de onze e meia da manhã. A polícia chegou aqui antes do meio-dia. Eu estava na equipe que atendeu a chamada, então pude ver tudo em primeira mão. A garganta de Jessie Fairchild tinha sido cortada, mas de um jeito muito estranho. Nós acreditamos que houve sim estrangulamento, mas o corte foi feito com um anel de diamantes muito grande.

- Vocês têm certeza disso?

- Sim. Os peritos confirmaram isso ontem. O anel estava cheio de sangue, e as linhas do corte bateram com o corte do diamante. Além disso, o marido dela não tem certeza se o anel pertencia à esposa.

- Espere aí – Rhodes disse. – Não é possível que um anel de diamante seja grande o suficiente para fazer um corte dessa profundidade.

- Nós também pensamos isso – Nolan disse. – Mas o ângulo do corte acertou uma artéria vital e também perfurou a traqueia.

- Algum motivo? – Chloe perguntou.

- Primeiro, pensamos que tinha sido uma invasão à casa, um roubo. Tenho certeza que vocês perceberam que aqui tem muita coisa de valor – ele apontou para o closet no lado esquerdo do quarto e acrescentou: - Tem muitas joias ali. Quando falamos com o marido dela, ele mostrou um colar que vale cerca de trinta mil. E não estava nem em um cofre. Estava ali, no velho móvel das joias. Também

há dois carros na garagem, sendo que um deles vale cerca de três anos do meu salário. Uma piscina enorme nos fundos, uma banheira dessas de spa. É pouco dizer que os Fairchild são ricos. E por eles serem novos no bairro, nós imaginamos que fosse um roubo. Mas não conseguimos encontrar evidências que comprovem isso.

- Alguma coisa foi levada? – Chloe perguntou.

- Fizemos o marido caminhar pela casa, mas ele não percebeu nada faltando. Claro, ele estava abalado por ter perdido a esposa assassinada, então ninguém sabe se ele olhou com atenção...

- Você disse que acha que houve também um estrangulamento – Rhodes disse. – Você sabe com o que ela foi estrangulada?

- Não temos certeza, mas achamos que com uma estola de raposa—essa coisa para por no ombro. Encontramos uma debaixo da cama. Os peritos dizem que estão certos de que as duas pontas da estola foram amarradas e puxadas com força. O marido também disse que não lembra da última vez que a esposa usou isso.

- O que você pode nos dizer sobre os Fairchild? – Chloe perguntou. Ela deu um passo em direção à cama, analisando o lençol cheio de sangue.

- Eles eram novos no bairro. Mudaram-se há cerca de cinco semanas. Ainda tem algumas caixas na garagem que eles nem abriram. O marido, Mark, é do mercado financeiro... mexe com dinheiro, com ações. Jessie Fairchild mexia com mídias sociais... era influencer, subcelebridade. Instagram, Facebook, essas coisas. Eles vieram de Boston... o marido disse que eles vieram porque estavam cansados do clima de cidade grande.

- Onde ele está agora? – Chloe perguntou.

- Ele foi para uma casa de campo, nas montanhas, com o irmão. Foi hoje cedo, na verdade. Ele... bem, ele está destruído. Digo, as pessoas encaram a morte de maneiras diferentes, eu sei. Mas esse cara... eu vi ele totalmente destruído, sabe? O pior que eu já vi.

- Imagino que não tenha nenhuma digital na cena do crime – Chloe disse.

- Nada. Mas encontramos um fio de cabelo na estola. Era loiro, e Jessie era morena. Está sendo analisado nesse momento... os resultados devem chegar em breve.

Chloe parou por um momento para pensar em tudo. Havendo uma indicação forte de algum tipo de estrangulamento, ela não podia eliminar a conexão com os crimes de um ano antes. Mas o corte com o anel de diamante a dizia que havia algo novo... algo diferente. Ela pegou a pasta e a abriu para começar a analisar tudo novamente.

- Você disse que está no comando do caso?

- Sim.

- Podemos ir com você até a sua delegacia? Eu gostaria de um lugar para trabalhar.

- Então, você acha mesmo que isso está relacionado com os casos de estrangulamento do ano passado? – Nolan perguntou. Claramente, ele não esperava aquilo.

- Não tenho certeza – Chloe disse. – Mas nós sabemos que há uma mulher morta—que foi assassinada em sua própria casa—e nesse momento não temos ninguém preso. Então... vamos trabalhar.

Nolan sorriu, gostando da atitude de Chloe. Ele assentiu e saiu do quarto, com direção ao corredor.

- Vamos começar logo, então.

CAPÍTULO QUATRO

Chloe abriu a pasta do assassinato de Jessie Fairchild assim que chegou à delegacia. Nolan havia lhes dado uma sala que outrora pertencera a um oficial assistente, que fora demitido por conta de corte de gastos. Alguns dos pertences do ex-assistente ainda estavam na sala, o que fez com que Chloe sentisse que não pertencia àquele lugar.

Mesmo assim, ela sentou-se e começou a estudar os arquivos. Ficou impressionada ao ver quanto organizados eles estavam. Aparentemente, o oficial Nolan tinha talento para organização e detalhes.

Além do relatório básico da polícia, que incluía tudo o que Nolan já havia lhes contado na casa dos Fairchild, havia muitas fotos do corpo da vítima. Ela estava completamente vestida, na cama. Sua cabeça estava caída para a esquerda, com seus olhos abertos olhando na direção da piscina de sangue que havia se formado ao redor de sua cabeça. A característica mais marcante do corpo, no entanto, era o corte enorme no centro do pescoço.

As fotos deviam ter sido tiradas algumas horas depois do crime, porque a maior parte do sangue ainda não havia secado. Chloe pode ver que o sangue estava começando a endurecer, mas ainda era novo. O corte em si era horrível. Era grande e grotesco, uma linha reta que parecia ter serrado até a carne. Chloe também viu leves indicações de que algo havia sido colocado em volta do pescoço da vítima, ainda que fosse difícil ter certeza pelas fotos.

Sem ver o corpo, ela precisaria acreditar nos peritos. E se o que estava vendo fosse de fato um sinal de que algo havia sido colocado em volta do pescoço da vítima, isso faria total sentido com a estola, vista em outras fotos.

Chloe também viu a foto do anel de diamante que fora usado para fazer o corte. Estava no criado-mudo. O assassino não havia tentado limpá-lo nem escondê-lo. Para Chloe, o assassino estava tentando enviar uma mensagem.

Mas que mensagem?

- O anel está me perturbando – Rhodes disse. – Por que colocar ali no criado-mudo? Ele está provocando? Talvez tentando nos dizer algo?

- Eu estava pensando a mesma coisa. Acho que o anel tem algum significado especial. Por que esse anel? Parece um desses anéis desses combos de noivado e casamento.

- Também parece ser bem caro – Rhodes acrescentou.

- Tem algum simbolismo nisso. Você não deixa um anel cheio de sangue acidentalmente no criado-mudo depois de usá-lo para matar alguém.

- Então você acha que o assassino está tentando dizer algo?

- Pode ser. Pode ser também que—

Chloe foi interrompida pelo toque de seu telefone. Ela o pegou, imaginando que fosse Johnson, querendo confirmar que elas haviam chegado. Mas ao ver a palavra “PAI” na tela, arrepiou-se. Uma onda de raiva subiu por seu corpo, junto com uma pontada de medo.

Chloe ignorou a ligação e colocou o telefone com a tela para baixo na mesa. Ao retornar sua atenção para a pasta a sua frente, foi difícil se concentrar.

- Você está bem? – Rhodes perguntou.

- Sim, por que?

- É que você olhou para o telefone como se alguém tivesse te xingado, ou algo do tipo.

Chloe encolheu os ombros.

- Problemas pessoais.

Rhodes assentiu, claramente sem querer se intrometer.

- Problemas pessoais são uma merda.

Enquanto Chloe ainda tentava retomar sua concentração, alguém bateu na porta. Quando ela se abriu, o oficial Nolan apareceu. Ao abri-la completamente, ele revelou outro homem, atrás de si.

Esse homem parecia muito mais velho, com um bigode corpulento e grisalho que fez Chloe lembrar-se de uma morsa.

- Agentes - Nolan disse, - esse é o comandante Clifton.

Clifton entrou na sala e olhou para as duas, assentindo em apreciação. Ele olhou para a pasta, aberta na mesa e mostrando uma das fotos do corte bizarro no pescoço de Jessie Fairchild, e logo desviou o olhar.

Chloe e Rhodes apresentaram-se rapidamente e Nolan entrou na sala atrás de Clifton, fechando a porta.

- O oficial Nolan pode dar todas as informações que vocês precisavam? - Clifton perguntou.

- Com certeza - Chloe respondeu. - Ele ajudou muito.

- Tem algo mais com o que eu possa ajudar?

- Bom, já que aquela casa é tão grande, eu imagino que haja um sistema de segurança. Isso já foi buscado?

- Na verdade, sim - Nolan disse. - O marido dela nos deu as senhas para nós podermos acessar o sistema.

- E ele não recebeu nenhum alerta do alarme sendo acionado?

- Nada.

- Temos algum relatório disso? - Rhodes perguntou.

Nolan e Clifton assentiram juntos.

- Vou conversar com a empresa de segurança - Nolan disse.

- Além disso, obviamente nós queremos falar com o marido - Chloe disse. - Oficial, você disse que ele estava em algum lugar nas montanhas, com o irmão, certo? Tem ideia que quando ele volta?

- Não. Ele não disse.

- Eu gostaria muito que ele estivesse aqui, na cidade - Chloe disse.

- Você suspeita dele?

- Não necessariamente. Mas é o homem mais próximo da vítima. - Chloe não pôs um tom acusatório em sua voz, mas achava uma irresponsabilidade da polícia ter deixado o marido da vítima sair da cidade.

- Vou conversar com ele pelo telefone. Ele vai me atender bem. Se ele souber que o FBI está no caso para ajudar a pegar o assassino, ele pode querer voltar bem rápido.

- Uma última coisa - Chloe disse. - Eu sei que você disse que os Fairchild são novos no bairro. Mas você sabe se Jessie Fairchild tinha algum inimigo? Algum sinal de reclamações sobre ela e o marido, ou talvez deles sobre outras pessoas?

- Não, nada do tipo - Clifton disse. - Mas aquele bairro... enfim, a região inteira... é meio problemática. Recebemos ligações de vez em quando. Esposas com ciúme querendo flagrar os maridos em affairs que não existem, proprietários de casa tentando ferrar os vizinhos porque o cachorro cagou quintal deles. As pessoas naquele bairro se acham muito.

- Perdão por perguntar, mas por que você está nos dizendo isso? - Rhodes perguntou.

- Por que mesmo não ousando dizer que Jessie Fairchild tinha inimigos, eu posso praticamente garantir que havia mulheres no bairro que pelo menos tinham inveja dela. É um bairro muito mal-humorado. Eu sei que não é a melhor coisa para um comandante dizer, mas é a triste verdade.

- Bom, podemos dizer que existem várias possibilidades nesse caso - Chloe disse. - Se as mulheres são como você está falando, deve ter muita fofoca envolvida também. Talvez elas já saibam de coisas que possam nos levar na direção correta.

Clifton riu e encolheu os ombros.

- Te desejo sorte nisso.

Chloe sabia o motivo do comentário, mas irritou-se com palavras que não ajudaram em nada.

- Por enquanto, eu gostaria do contato da diarista que encontrou o corpo.

- Nós já falamos bastante com ela – Clifton disse. – Você pode olhar nossas anotações. – Ele não estava necessariamente sendo defensivo, mas queria que ela tivesse certeza de que eles não eram totalmente inúteis. Chloe imaginou se aquilo teria relação com o fato dele ter percebido que não deveria ter deixado o marido da vítima sair da cidade logo após o crime.

- Mesmo assim, eu acho que gostaria de falar com ela pessoalmente.

Clifton cruzou os braços, mas assentiu.

- Vou lhe passar as informações em breve – ele disse, e sorriu antes de continuar: - Foi um prazer conhecer vocês, agentes. – Então, abriu a porta e saiu.

Nolan encolheu os ombros e disse:

- Ele fica assim. Especialmente quando tem que trabalhar com o FBI ou outros órgãos... Problemas de controle... cá entre nós.

Chloe fez um gesto como se estivesse fechando sua boca com um zíper.

- Entendi. Agora... se pudermos ter o contato da diarista, eu gostaria de encontrá-la antes que seja tarde demais.

CAPÍTULO CINCO

Rosa Ramirez morava em um apartamento nos limites da parte mais agradável do centro da cidade. Ao atender a ligação de Nolan, ela pareceu muito animada em ajudar Chloe e Rhodes. Quando as agentes chegaram ao apartamento, às 4:30, ficou claro que ela havia arrumado o local para esperá-las. Havia até café e biscoitos na mesa de centro.

- Senhora Ramirez – Chloe disse, - há quanto tempo você trabalha para os Fairchild? Pelo que eu soube, eles chegaram no bairro há cerca de cinco semanas.

- Isso mesmo. Eu respondi um anúncio que vi na internet. Foi cerca de uma semana antes mesmo deles se mudarem. Eles queriam tudo arrumado e pronto quando se mudassem. E isso incluía uma diarista. Eu ajudei até a desfazerem a mudança.

- Eles pareciam felizes com sua ajuda?

- Sim. Ficou claro que eles não estavam muito acostumados com pessoas dispostas a ajudar.

Chloe serviu café a si mesma, mesmo que geralmente tentasse manter os níveis de cafeína baixos em seu corpo. Ela queria que Rosa se sentisse confortável. Uma testemunha ou um suspeito confortáveis sempre tinham mais chances de enxergar verdades que nem sequer tinham percebido.

- Houve alguma discussão ou conversa mais ríspida entre você e os Fairchild? – Rhodes perguntou.

- Não, nenhuma. Sinceramente, eu pedi um valor um pouco maior do que eu geralmente cobro, e não houve nem negociação. Nenhum dos dois jamais disse algo negativo para mim.

- E entre os dois? – Chloe perguntou. – Você chegou a vê-los discutindo?

- Não. Eu tentei pensar nisso, mas não consigo lembrar de nada. Mas é bom lembrar que, nas cinco semanas que eu trabalhei para eles, eu só vi os dois juntos duas vezes. Mark geralmente estava viajando a trabalho.

- Alguma ideia de para onde ele ia nessas viagens a negócio?

- Por tudo. Mas acho que principalmente para a costa leste. Boston, Washington, Nova York.

- Você sabe se Jessie achava isso ruim?

- Se achava, ela escondia muito bem. Ela se mantinha ocupada. Tipo, muito ocupada. Não sei nem se ela tinha tempo para perceber que o marido estava ausente.

- Ocupada como? – Rhodes perguntou.

- Bem, o bairro onde eles moram tem várias pessoas importantes. Ou, sendo sincera, pessoas que acham que são importantes. Jessie já estava tentando encontrar seu lugar nesse meio. Ela estava tentando participar de todos os círculos sociais... clubes, fundações, querendo ajudar na organização de eventos de gala, esse tipo de coisa.

- Ela entrou oficialmente em algum desses grupos?

- Não que eu saiba.

- Senhora Ramirez, tenho certeza que você entende que eu preciso perguntar onde você estava mais cedo no dia que encontrou o corpo de Jessie Fairchild.

- Claro, claro – ela disse, deixando escapar um suspiro. – Era sexta. E nas sextas, eu tiro a manhã livre. Às vezes eu só durmo até tarde e vejo alguns programas de TV. Outras vezes, resolvo alguns problemas. Mas na última sexta, na verdade, eu estava na biblioteca em boa parte da manhã.

- Alguém lhe viu? Alguém poderia confirmar isso?

- Sim. Eu estava doando alguns livros velhos. Doeí vários para o projeto ‘Amigos da Biblioteca’. Levei-os até lá e até ajudei a bibliotecária a organizá-los.

- Você lembra que horas eram quando você estava lá?

- Claro. Cheguei lá logo depois das dez e meia, eu acho. Fiquei lá até onze e pouco. Depois fui até a casa dos Fairchild.

- Você parou em algum outro lugar no caminho?

- Sim. No Wendy's, para comprar meu almoço.

- E quando você chegou na casa... você viu algo estranho ou fora do normal?

- Absolutamente nada. A primeira coisa estranha que eu vi foi Jessie, na cama, com sua roupa de corrida.

- Ficamos sabendo pela polícia que o marido dela estava na cidade... e não viajando. Você sabe se isso é verdade?

- Acho que sim. Geralmente eles me dizem quando Mark vai viajar. Mas pelo que eu sei, ele estava no escritório local na sexta. Eu cheguei lá por volta de onze e meia... o que significa que ele provavelmente tinha saído cerca de três ou quatro horas antes de eu chegar lá.

- Senhora Ramirez – Rhodes disse, - você acha que tem alguma chance de Mark ter matado a esposa?

Rosa balançou a cabeça, confiante.

- Não. Digo, eu sei que nada é impossível, mas eu duvido muito. Ele é um cara do bem. E era muito gentil e brincalhão com ela. Os dois tinham cinquenta e poucos anos... o tipo de casal que ainda se dá as mãos. Eu até vi ele batendo na bunda dela, de brincadeira, uma vez, como se fossem recém-casados. Eles pareciam muito felizes.

Chloe pensou em tudo aquilo. Ela estava certa de que Rosa não tinha nenhuma relação com a morte de Jessie Fairchild. Os álibis da diarista precisariam ser checados, mas Chloe sabia que seria uma perda de tempo.

- Obrigada pelo seu tempo – Chloe disse, terminando seu café com um gole grande. Ela deu a Rosa um de seus cartões de visita no caminho até a porta. – Por favor, entre em contato comigo se você se lembrar de algo a mais.

Rosa assentiu ao abrir a porta.

- Tem uma coisa, na verdade, que eu pensei – ela disse.

- O que é?

- O anel no criado-mudo... o que foi usado para cortar o pescoço dela. Não fazia sentido estar ali. Jessie era maníaca por limpeza—por isso ela tinha uma diarista mesmo a casa sempre estando limpa. Eu nunca vi nenhuma joia dela fora do lugar.

Chloe assentiu, como se também tivesse pensado naquilo. O anel naquele lugar não servia só como um tipo de mensagem do assassino, mas também provava que o crime não tinha relação com a riqueza do casal ou com um assalto mal feito. O anel era caro e havia sido usado apenas como uma arma cruel. Mesmo que o assassino tivesse o pegado em suas mãos em algum momento, ele não tivera intenção de roubá-lo.

E aquilo dizia muito sobre o criminoso.

Agora, Chloe pensou, tudo o que eu preciso fazer é traduzir a mensagem do assassino.

CAPÍTULO SEIS

Passava pouco das cinco horas quando Chloe e Rhodes saíram do apartamento de Rosa. O local ficava a apenas quarenta e cinco minutos dirigindo da sede do FBI em Washington. Chloe considerava aquilo uma grande vantagem, já que eliminava a necessidade de passar a noite em um hotel. Por outro lado, era difícil decidir quando o dia de trabalho estava encerrado.

- Deveríamos ir até a biblioteca para checar o álibi de Rosa? – Rhodes perguntou enquanto Chloe ligava o carro.

- Pensei nisso, mas é domingo. Duvido que a biblioteca esteja aberta. Eu queria descobrir de onde veio aquele anel. Talvez descobrir quem foi a última pessoa a utilizá-lo. Se o marido nem lembra que aquele anel pertencia à esposa dele...

Rhodes abriu a boca para responder, mas o toque do celular de Chloe lhe interrompeu. Chloe atendeu imediatamente, esperando por uma luz no que vinha sendo uma tarde de domingo com poucos avanços no caso.

- Agente Fine falando – ela atendeu.

- Agente Fine, aqui é o Oficial Nolan. Achei que você fosse gostar de saber que eu consegui entrar em contato com Mark Fairchild, o marido. Ele vai vir aqui cerca de oito da noite. Ele e o irmão estão voltando para casa para organizar o funeral, a papelada do seguro, coisas desse tipo.

- E ele sabe que o FBI está no caso agora?

- Sabe. Pareceu feliz com isso e ansioso para conversar com vocês.

- Vejo você às nove, então – Chloe disse, finalizando a chamada exatamente como queria: com a esperança de poder contar com mais uma fonte de informações. Quando as informações vinham ao encontro dela ao invés de ter que caçá-las, os casos tendiam a ser mais rápidos e fáceis.

Chloe esperava que aquela tese se confirmasse.

Ficou claro desde o primeiro momento que Mark Fairchild não vinha dormindo bem. Apenas por sua aparência, Chloe poderia apostar que ele não estava conseguindo descansar desde que soubera da morte de sua esposa. Havia olheiras em volta de seus olhos—olhos que pareciam olhar para o nada em volta da sala de reuniões. O cabelo dele estava desarrumado e a barba começava a tomar conta de seu rosto.

Ainda assim, ele parecia de certa forma focado e determinado. Sentou-se um pouco encolhido em uma cadeira, segurando uma xícara de café que Nolan havia lhe dado, mas que não estava tomando. Seu irmão estava em pé, no canto da sala, parecendo tão cansado quanto, mas olhando com cuidado para seu familiar enlutado.

Chloe sabia que a conversa a seguir poderia ser difícil. Pessoas enlutadas, claramente cansadas e ainda lidando com a ideia da perda recente, podiam ser perigosas. Elas poderiam falar sem parar, geralmente repetindo histórias, ou perder o controle de suas emoções em poucos segundos. Então, Chloe sabia que precisava escolher suas perguntas com cuidado, dando ao marido da vítima a sensação de que ele estava no controle da situação.

- Senhor Fairchild, eu gostaria que você me falasse sobre a manhã de sexta. Com todos os detalhes possíveis, sem importar quão pequenos e sem importância eles possam parecer.

Mark assentiu, mas parecia claramente desconfortável.

- Tudo – ele disse, com um sorriso cansado e forçado. – Bom... meu alarme despertou me chamando para o trabalho. Eu apertei na 'soneca' e, nessa hora, Jessie se virou e me abraçou... meio que uma tradição que nós tínhamos desde o namoro. Era sexta-feira e a semana tinha sido boa para nós dois, então o abraço acabou em sexo. Ela gostava de sexo pela manhã, então isso era bem comum.

Chloe sentiu-se estranha ao ver a expressão dele demonstrar várias emoções enquanto ele se lembrava daquela manhã. Ela deu a Mark um momento de silêncio, para que ele tivesse certeza de que conseguiria continuar.

- Depois, eu fui para o banho enquanto ela respondeu alguns e-mails de trabalho. Eu saí do banho e ela estava escovando os dentes. Conversamos rapidamente. Enquanto eu me vestia para ir trabalhar, Jessie colocou sua roupa de corrida—a mesma que ela estava usando quando...

Ele parou ali, respirando fundo. Olhou para seu irmão, que lhe assentiu, encorajando-o. Mark retribuiu o gesto e recomeçou, com a voz um pouco trêmula.

- Nós descemos as escadas. Ela tomou uma vitamina, e eu uma xícara de café. Ela nunca tomava café antes de correr. Dizia que fazia mal para o estômago. Ela foi comigo até a porta, eu lembro disso. Ela geralmente fazia isso, só para me dar um beijo de despedida. Ela estava com o fone de ouvido, ouvindo um dos podcasts que sempre ouvia quando ia correr. Nos beijamos, eu entrei no carro, e foi isso. Foi a última vez que eu a vi viva.

- Que horas eram quando você saiu de casa? – Chloe perguntou.

- Não sei exatamente, mas era algo entre dez para as oito e oito e cinco, por aí. Não mais que isso.

- Então temos uma janela de três horas, três horas e meia – Rhodes disse.

- Senhor Fairchild, você e sua esposa já tinham feito amigos? Alguém que lhes visitou algumas vezes desde que vocês se mudaram?

- Não. Só conhecidos. Algumas pessoas nos visitaram, claro. Quando uma família nova chega nesse bairro, as pessoas trazem tortas, biscoitos, coisas assim, sabe? Mas acho que a única pessoa que chegou a colocar os pés na casa para algo além de um presente de boas-vindas foi a diarista. Ah, e o encanador. Tivemos um problema com o encanamento na primeira semana.

- Quero falar sobre o anel encontrado no criado-mudo – Chloe disse. – Pelo que sei, você não sabe se ele pertencia ou não a sua esposa.

- Isso mesmo. Não me parece familiar, mas não é tão incomum. Jessie não usava muitas joias... só a nossa aliança. Isso pode parecer bobo, porque o closet dela era cheio de joias. Mas Jessie meio que colecionava joias, assim como outras mulheres fazem com sapatos ou bolsas. Quando a mãe dela faleceu, seis ou sete anos atrás, Jessie ficou com todas as joias dela. Colares, anéis, esse brincos feios. Mas isso acendeu algo nela. Ela começou a colecionar esse tipo de coisa.

- Você sabe quantos anéis Jessie pegou da mãe dela?

- Não. Eu lembro que a maioria ficava no cofre. Eu sei que ela recebeu uma caixa pequena com alguns colares e anéis. Tinha pelo menos dez anéis naquela caixa.

- Então você diria que há uma boa chance de que o anel encontrado na cena seja um dos que ela pegou de sua mãe.

- Provavelmente. Mas esse é o ponto... ela deixava-os no closet. Quem fez isso...

Ele parou, como se a simples menção ao que tinha sido feito com o anel lhe congelasse. Mark respirou fundo e balançou a cabeça, determinado a continuar.

- Quem fez isso - ele continuou, - deveria saber onde procurar o anel.

- Ou simplesmente a pessoa teve sorte e descobriu onde as joias caras ficavam.

- Verdade – Mark disse.

- E a semana antes da sexta-feira... aconteceu algo diferente com sua mulher?

- Não. Eu já pensei nisso... tentei lembrar de algo. Mas eu juro... ela parecia estar muito bem.

- Nós soubemos que Jessie tinha começado a se envolver com grupos e organizações locais – Rhodes disse. – Você sabe que grupos são esses?

- Ela falava muito sobre a ‘Parceiros das Crianças’, essa ONG que junta dinheiro para crianças que não conseguem pagar pelas refeições na escola, coisas assim. Tinha outra... um clube no jardim, algo assim. Tenho certeza que sei onde ela anotava os nomes e números dessas pessoas, se vocês quiserem ver.

- Nós já temos uma cópia disso – Nolan disse.

Mark assentiu, virando os olhos.

- Certo. Eu juro... nesses últimos três dias, tudo parece estar borrado na minha mente.

- Tenho certeza que sim – Chloe disse. – Senhor Fairchild, obrigado pelo seu tempo. Por favor... vá para casa e descanse. E eu peço que você fique na cidade pelos próximos dias, caso seja preciso fazer mais algumas perguntas.

- Claro.

Mark levantou-se e respirou fundo ao sair da sala com seu irmão. Nolan os seguiu, fechando a porta.

- O que você acha? – Rhodes perguntou a Chloe quando elas ficaram sozinhas.

- Acho que mesmo que Mark Fairchild tivesse algo para dizer que nos ajudasse, ele provavelmente não se lembraria. Mas acho que ele está falando a verdade sobre aquela manhã. Ele ficou vermelho quando falou em sexo. E as pausas que ele fez... estava mesmo lutando contra as lágrimas.

- Sim, eu também percebi isso.

- Mesmo assim, a história parece interessante, não? Um novo casal de ricos chega na cidade. O marido tem um trabalho que lhes mantém nas classes mais altas. E eles viram alvo de alguém imediatamente... menos de cinco semanas depois da mudança.

- Você acha que eles estavam fugindo de algo? – Rhodes perguntou. – Você acha que eles podem ter vindo para Falls Church para escapar de algo em Boston?

- Pode ser. Eu quero saber o máximo possível sobre o trabalho dele. Talvez investigar as informações financeiras do casal e os registros criminais dos dois. Talvez até falar com o patrão do Mark, se for preciso.

- Acho que nós precisamos checar a seguradora, também – Rhodes disse. – Acho estranho que nenhum alarme tenha disparado. Me faz pensar que Jessie Fairchild deixou o assassino entrar.

Enquanto as duas pensavam em tudo aquilo, a porta da sala voltou a se abrir e Nolan entrou novamente. Ele parecia estar se sentindo mal por ter dividido a sala com um homem tão destruído emocionalmente.

- Nolan, o que nós sabemos sobre o trabalho do senhor Fairchild? – Chloe perguntou.

- Ele é um corretor financeiro padrão. Pelo que ele me disse, teve sorte em alguns negócios no começo da carreira. Isso fez com que alguns clientes de alto nível ficassem muito felizes com ele. Ele é muito humilde quando fala disso, mas nos disse que ganhou um pouco mais de seis milhões no ano passado.

- E os números continuam crescendo?

- Pelo que sabemos, sim. Não checamos as finanças deles profundamente ainda, nem o imposto de renda do ano passado. Dissemos a ele que talvez isso fosse preciso. Ele pareceu um pouco ofendido, mas nos deu sua permissão. Nos deu até alguns contatos do trabalho dele, caso nós precisássemos de ajuda.

- Então, em outras palavras, ele não está escondendo nada quando o assunto é dinheiro.

- Isso mesmo. Totalmente limpo, pelo que podemos ver. Mas eu provavelmente ainda vou entrar em contato com os números que ele nos passou, só para ter certeza.

- Também não vi nenhum registro criminal nos arquivos – Rhodes acrescentou.

- É. Nenhum dos dois tem registros criminais. Nada. Nem uma multa de trânsito.

Chloe olhou para a pasta com os arquivos sobre a mesma, a sua frente, e franziu a testa. Sim, o caso parecia estar muito distante das mortes por estrangulamento de um ano antes. Mas ainda assim, havia uma morte sem solução.

Ela olhou para a pasta, como se o objeto pudesse lhe trazer respostas. Basicamente, Chloe já havia memorizado o que havia ali dentro: a história do assassinato de Jessie Fairchild em forma de relatórios, anotações e fotos do crime.

E até então, aquela história parecia longe do fim.

CAPÍTULO SETE

Chloe havia se esquecido de quão úteis podiam ser longos trechos de carro com alguém ao lado. Elas saíram de Falls Church às 8:42 e voltaram a Washington, mas fizeram bom uso dos quarenta minutos de estrada. Antes mesmo de saírem de Falls Church, Rhodes já havia conseguido falar com um gerente da Intel Security pelo telefone. A Intel era a marca do sistema de segurança da casa dos Fairchild. Chloe escutou a conversa enquanto dirigia, à noite, voltando para casa.

Ela sorriu algumas vezes, percebendo como Rhodes era boa em lidar com as pessoas. Chloe já havia percebido que Rhodes só fazia perguntas durante os interrogatórios quando tinha algo útil para perguntar. Ela não gostava muito de fazer centenas de perguntas, esperando que uma delas trouxesse uma boa resposta. Da mesma maneira, ela soube como fazer as perguntas certas com a equipe da Intel. Foi educada e cordial, mas precisa ao pedir o que precisava. Chloe, por sua vez, estava com dificuldades de compreender a conversa como um todo, já que estava ouvindo apenas o que Rhodes dizia.

Muitos minutos depois, quando a ligação foi encerrada, Rhodes a contou tudo. Nesse momento, Chloe percebeu mais uma das qualidades de Rhodes. Ela sabia muito bem como repassar informações, sem sequer precisar fazer anotações. A mente daquela mulher era um verdadeiro HD quando se tratava de guardar detalhes.

- Então, o senhor com quem eu falei disse que o alarme não disparou na sexta pela manhã – Rhodes disse. – Ele também pesquisou os dados deles e não encontrou registros do alarme sendo desativado em nenhum momento. O sistema não foi desligado pelos Fairchild.

- Ele deu detalhes de como o sistema funciona?

- Sim. O alarme toca quando a porta é aberta à força. Abrir com uma chave automaticamente silencia o alarme. Quando a porta é aberta por dentro, ele também não toca. O alarme só tocava se alguém estivesse chutando a porta, ou se ela ficasse aberta por mais de vinte segundos.

- Nas semanas em que eles moraram ali, o alarme chegou a tocar alguma vez?

- Ele disse que tem dois registros na conta deles. Os dois da primeira semana em que eles estavam na casa. A Intel liga para os clientes quando o alarme dispara. Nas duas vezes, Mark Fairchild disse que eles não haviam fechado a porta completamente enquanto levavam as caixas e os móveis da mudança para dentro de casa.

- E as janelas? O alarme funciona nelas também?

- Pelo que o senhor me disse, sempre que uma janela for aberta por fora, o sistema precisa estar desativado. Eles me deram um exemplo de quando você vai limpar as janelas, por exemplo. Se alguém quer fazer esse tipo de limpeza, precisa desativar o alarme primeiro.

- Mas você disse que não houve chamadas suspeitas do alarme na última semana, certo?

- Nenhuma.

- Então, em outras palavras – Chloe disse, - quem matou Jessie Fairchild não entrou à força. Essa pessoa teve permissão para entrar.

- Parece que sim.

O carro ficou em silêncio enquanto as duas pensavam naquilo. Chloe sabia qual deveria ser sua próxima busca. Até então, tudo o que elas sabiam sobre Jessie Fairchild era que desde que se mudara com o marido, Mark, para Falls Church, ela estava tentando envolver-se em grupos e organizações locais. Novos na cidade, nem ela nem Mark tinham amigos de verdade—o que significava que a maioria das pessoas com quem eles conversavam não eram confiáveis.

Mas Chloe também pensou em uma pergunta que já havia aparecido antes. Será que os Fairchild teriam saído de Boston fugindo de algo? Se a investigação os levasse a investigar a fundo a vida dos Fairchild, levando-as de volta à Boston, aquele simples caso de assassinato poderia se tornar muito mais confuso.

- Sem amigos, sem família por aqui – Rhodes disse em voz alta, quando elas já estavam chegando a Washington. – Uma irmã em Boston, ambos os pais falecidos. Se esse caso nos levar para Boston...

Chloe sorriu, feliz ao perceber como as duas estavam começando a pensar pelo mesmo caminho, com a mesma velocidade.

- Bem, não tinha uma anotação em algum lugar dos arquivos sobre um parente do Mark? Alguém que morava perto de Falls Church?

- Sim, um primo. Mas pelo que eu soube, ele está viajando. Férias, eu acho.

Rhodes respondeu com um tom de indiferença que fez Chloe perceber que seguir os rastros do primo de Mark dificilmente as levaria a algum lugar.

Perto de casa, Chloe vagarosamente permitiu-se pensar em assuntos mais pessoais. Ela estava seriamente considerando telefonar para Danielle para pedir desculpas por seu comportamento no dia anterior. Mas aquele tipo de conversa com Danielle geralmente se tornava uma discussão interminável, e ela não estava com forças para isso.

As duas agentes voltaram à sede do FBI, trocando o carro do bureau pelos seus próprios, e se separaram. Chloe pensou mais uma vez em Danielle antes de ir embora. Considerou ir até a nova casa da irmã—um apartamento que ela havia alugado em um local em que seu ex-namorado jamais imaginaria que ela estaria.

Por fim, Chloe decidiu não ir até lá. Ela sabia que tudo ficaria bem entre as duas—que às vezes, era preciso apenas tempo para que ambas ficassem de bem. Mesmo assim... sabia que não conseguiria dormir àquela hora. E com o caso Fairchild obrigatoriamente parado até a manhã seguinte, outra ideia surgiu em sua mente. Uma ideia que a fez estremecer por dentro, fazendo-a sentir-se um pouco mal. No entanto, por impulso, Chloe acabou agindo quase que imediatamente.

Virou à esquina e apontou o carro na direção do apartamento de seu pai.

Chloe não tinha intenção de vê-lo de fato e de conversar a sós com ele. Mas precisava provar a si mesma que era capaz de passar por aquele local. Aquilo precisaria acontecer em algum momento, para que ela pudesse então acalmar-se o quanto antes.

O apartamento de seu pai ficava a menos de meia hora da sede do FBI, e a menos de vinte minutos de seu apartamento, porém em outra direção. Eram 10:08 quando Chloe entrou no estacionamento. A casa dele era do tipo que ficava colada a outra, e a outra, e a outra, num complexo de apartamentos. Ela sabia qual era o carro dele—um Ford Focus usado—e o viu estacionado exatamente em frente ao complexo. Uma luz estava acesa e podia ser vista através da janela principal.

Chloe parou, sem desligar o carro, olhando pela janela e imaginando o que ele estaria fazendo. Ele estaria simplesmente vendo TV? Lendo, talvez? Chloe imaginou se, ao apagar aquela luz e ir para a cama, seu pai teria visões sobre o passado... suas filhas, sua esposa morta. Perguntou-se se a tortura e o medo pelos quais ele fizera suas filhas passarem o mantinham acordado à noite.

Chloe esperava que sim.

A raiva começou a tomar conta de seu corpo. Correu por suas veias, como se fosse um veneno, até que Chloe percebesse que já estava segurando o volante com força a ponto de machucar suas mãos.

Talvez eu devesse entrar ali agora, ela pensou. Bater na porta e acabar com tudo. Contar a ele que eu sei o que ele fez... que eu li o diário da mãe.

A ideia foi convincente o suficiente para fazer seu coração querer saltar do peito. Um surto de adrenalina tomou conta de suas veias enquanto Chloe pensava aquilo.

Mas obviamente, ela não poderia ir até lá. Pelo menos não ainda...

Chloe encontrou a vaga vazia mais próxima no estacionamento e a utilizou para fazer a volta. Ela seguiu para casa, sem perceber, até o primeiro semáforo, que ainda estava segurando o volante com toda sua força.

CAPÍTULO OITO

Havia sido muito alarmante para Danielle perceber que, quando seu último relacionamento terminara, ela ficara novamente desempregada. A ideia de ter um bar para si mesma e a visão de um futuro muito bom para ser verdade haviam lhe feito imaginar uma vida completamente diferente durante alguns meses. Mas ali estava ela novamente, sem namorado e sem um trabalho decente.

Danielle sempre conseguira esconder bem seu descontentamento com trabalhos ridículos, mas dessa vez, estava sendo mais difícil. Ela estava trabalhando como bartender em um clube de strip tease—que a gerência fazia questão de não chamar de strip club. Eles preferiam chamá-lo apenas de “clube” ou de “casa masculina”. Para Danielle, não importava como o local era chamado. A verdade é que havia mulheres no palco, mexendo o bumbum na cara dos homens, no ritmo de músicas de Bruno Mars.

Ela terminou de preparar o mojito para um cliente—tentando entender como alguém pedia um mojito em um strip club—e o entregou. Ele tinha cerca de cinquenta anos e, ao pegar a bebida, não fez questão de esconder que estava olhando para os peitos dela. Ele sorriu e deu um gole na bebida, sem tirar os olhos dos peitos de Danielle.

- Você deveria estar no palco, sabia? – ele disse. Por fim, olhou nos olhos dela, talvez para que Danielle pudesse ver a seriedade em seu olhar alcoolizado.

- Uou, nunca tinha ouvido essa. Que cantada original.

Confuso, o cliente acabou virando os olhos e depois afastando-se do bar, sentando-se perto do palco.

Sim, muitos caras já tinham dito que ela deveria estar no palco e não no bar. Seu gerente era um deles. E mesmo que já tivesse passado por trabalhos muito humilhantes, Danielle sabia que jamais aceitaria tirar a roupa para que homens vissem e lhe dessem cinco ou dez dólares na calcinha.

Ela sabia que aquele era um trabalho temporário. Tinha que ser. Mas Danielle não tinha certeza do que fazer para sair dali. Talvez ela devesse terminar a faculdade. Faltava ainda um ano e meio... e mesmo que já fosse estar com quase trinta anos ao se formar, pelo menos o diploma significaria algo.

Não que seu trabalho atual não tivesse suas vantagens. Ela estava lá há cerca de um mês, trabalhando quatro noites por semana. Na segunda semana, havia ganhado mais de setecentos dólares de gorjeta só para si. Mas o problema era a atmosfera daquele lugar. Mesmo quando garotas góticas dançavam músicas que Danielle até gostava, ela sentia que precisava sair dali o quanto antes.

Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.